

José-Augusto França

O essencial sobre

ANTÓNIO PEDRO

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

of -

803 LPC 446P
PC, A, M, d

José-Augusto França

O essencial sobre

ANTÓNIO PEDRO

19.11.07



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

1 — POETA

António Pedro nasceu em 9 de Dezembro de 1909 na Cidade da Praia, Cabo Verde, onde seu pai dirigia negócios familiares e pessoais com transportes marítimos que seu avô criara, em grande empresa colonial. Costa simplesmente, de nome paterno, Power Savage por uma avó de origem irlandês-galesa, as raízes familiares de António Pedro eram em Seixas, no Alto Minho, e a elas ficou fiel, vindo a morrer perto, em 17 de Agosto de 1966, em sua casa de Moledo do Minho, com o coração fatigado que não resistiu mais a uma asma crónica.

Os seus dois metros de altura e o pêlo alourado de família eram bem celtas no meio escuro e de pequenos talhes das redondezas. Do Norte era ele, decerto, com estudos nos Jesuítas de La Guardia, depois liceu em Coimbra e Direito e Letras em Lisboa, seguidos enfadadamente no meio literário e artístico, e político, em que se achou, já em 1926, para tomar posições polémicas durante mais de vinte anos, com intervalos de Paris, Brasil

e Londres, até ao regresso ao seu Minho de entre Caminha e Viana do Castelo, com uma capital melhor que o Porto lhe ofereceu em 1953 — de história em história que se conta.

Começa ela em caricaturas expostas em Viana em 1925, e jornais feitos em Coimbra, *O Bicho e Pena*, *Lápis e Veneno*, com Arlindo Vicente. E também sonetos hábeis de *Os Meus Sete Pecados Capitais*, o anúncio de mais, em decadentismo discreto, em *Sol Morto*, um manuscrito cuidado de *As Minhas Sete Virtudes Principais*, e mais colaborações de desenhos em jornais já de Lisboa — onde, livre da tropa «por excesso de altura», foi pela Universidade, casou e publicou mais poemas de *Ledo Encanto*, de *Distância*, de *Devagar* e de *Diário*, e mesmo um «Poema de exaltação nacional-sindicalista». A poesia, com mais *Máquina de Vidro*, *A Cidade*, um *Solilóquio Mostrado*, *15 Poèmes au Hasard*, já de 1935, teve uma recolha das quatro primeiras obras e do *Solilóquio*, seleccionada em 1936, em *Primeiro Volume* — e teria uma *Antologia Poética* em «Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX», em Coimbra, bem postumamente, em 1998, que incluiu também *Casa de Campo* de 1938, o *Protopoema da Serra d'Arga*, de dez anos depois, e, de anos intermédios ou posteriores, que ficaram inéditos, no título projectado de *Quando já não se Engana o Coração com Música*, e dispersos ainda inéditos

tos (ou não) que vão até 1963 e 1964, em *Reincidência Circunstancial*. Mas também o último poema que (tirando este, em 1964) publicou em vida, em 1951 — *Invocação para um Poema Marítimo*, escrito em 1938 e então dedicado a Afonso Lopes Vieira, tal como a «Ode» do *Solilóquio Mostrado* fora, três anos antes, dedicada a Almada Negreiros.

Entre estes dois pólos poéticos, de modernismo e tradição, deve considerar-se a poesia e a vida de António Pedro. Com mais outro pólo de atracção, o Surrealismo, que, entre os dois, no seu espírito, se movia, moral e estilisticamente. Que ele foi «um dos raros homens em Portugal, neste século, a possuir aquilo que mereça o respeito de ser chamado estilo» — escreveu Jorge de Sena, em 1967, depois de o ter incluído numa selecção de poesia portuguesa dos anos 30 a 50, *Líricas Portuguesas*, 3.^a série, 1958.

O ter tido livros de extrema juventude prefaciados pelo integralista Hipólito Raposo e pelo erudito latinista Coelho de Carvalho, o não ter participado (ou ocasionalmente) na *Presença* coimbrã da sua geração (com repúdio mútuo), como no SPN de António Ferro, o ter recebido, em 1946, a dedicatória do grande poema da Liberdade, *Europa*, de Casais Monteiro e, em 1952, a dedicatória da exposição comum de Azevedo, Lemos e Vespeira, vão com estas invocações de Lopes Vieira e de Almada, em

homenagens prestadas a duas situações da cultura nacional, que não «nacionalista», em suas modernidades de passado-presente, a que uma aventura política pôde servir de passagem. Ou duas, de anti-salazarismo de duas épocas.

Porque, em 1931, em plena e desconexa ditadura militar, depois de ter dirigido os dois números do semanário legitimista *A Bandeira*, em 1926, Pedro dirigiu, com Dutra Faria (que se passaria, como jornalista, ao próximo futuro Estado Novo), o semanário *Acção Nacional* «anticonservador, anticapitalista, antiburguês» — e «revolucionário» para «restauração e reabilitação da inteligência». Nesse ano, fez na Liga 28 de Maio uma conferência discutida: «Esboço para uma revisão de valores» e, no ano seguinte, com Dutra e Rolão Preto director, chefiou ainda a redacção de *Revolução*, «diário sindicalista da tarde» — desejando, senão prevendo, a junção do *fascio* de Mussolini e do martelo de Moscovo, num «símbolo único e europeu de revolução e resgate»... Mas a recusa violenta de Rolão Preto de aderir à União Nacional de Salazar provocou cisão — adesões de oportunidade e perseguições. Pedro (que, com Arlindo Vicente, assumira o programa de propaganda do grupo) arredou-se então inteiramente da «ditadura tirânica de Salazar, inimigo do interesse nacional e das mais essenciais liberdades políticas», após uma «farsa vergonhosa de elei-

ções» — e instalou-se em Paris, no Outono de 1934. Oito anos mais tarde partiria de novo de Lisboa para Londres, sob as bombas nazis, como cronista na BBC, nisso ganhando uma enorme popularidade que o levou à prisão, ao regressar a Portugal. Quatro anos depois, seria a sua participação na campanha presidencial de Norton de Matos, sob as ameaças quotidianas da Censura salazarista, que lhe tirou todas as possibilidades de emissões radiofónicas. Pouco antes participara na tentativa de organização de um partido socialista, sem possibilidades.

Em Janeiro de 1946, António Pedro pretendia pôr de pé um vespertino de Lisboa, supondo uma abertura do regime à vitória aliada, mas nada assim foi e ficou sem emprego a sua prática jornalística que, em 1942, ainda se exercera na inicial chefia da redacção do *Diário Popular* — que não pôde obviamente satisfazer um projecto mais liberal na imprensa lisboeta. O mundo dos jornais foi, porém, sempre o seu, no *Diário de Lisboa* e em colaborações continuadas ainda em 1965 e 1966 — e no lançamento da revista *Variante* em 1942, e já no jornal com projecto editorial *Revelação*, «Folha de juventude», em 1936, e finalmente, em 1948, na empresa da edição do famoso *Dicionário de Moraes*, em 10.^a edição de doze volumes, numa Editorial Confluência que logo se viu reduzida a essa publicação e interdita de tudo o mais.

Foi então que uma aventura teatral mal sucedida em termos empresariais, e sem remédio, levou António Pedro a deixar Lisboa e a instalar-se em Moledo do Minho — para o que acabaria por ser, nos últimos dez anos de vida que lhe restavam, a mais consequente realização da sua múltipla carreira, no Círculo de Cultura Teatral do Porto.

À saída do *Primeiro Volume* em 1936, um ensaio sobre *A Poesia de António Pedro*, pelo ensaísta arabista Garcia Domingues, saiu também, como «ensaio de crítica literária», tomando em conta os livros publicados depois de a selecção feita, numa visão genérica da obra do poeta, em sua apreciada originalidade temática e técnica, com classificação de «super-realista», por superar o realismo da expressão e também por relação já então estabelecida por Pedro, após a sua estada parisiense em 1935, com a poesia, essa, «surrealista» defendida por André Breton — e da qual o poeta se afastava, não aceitando o automatismo por ele defendido e para o qual exigia controlo consciente.

Ali, porém, se encontrava uma das influências sofridas por António Pedro, depois de Rimbaud, no território cultural francês. Outras, prévias, tinham tido acção na sua poesia — e foram de Cesário Verde e de Pessanha, mas também de Sá-Carneiro, Pessoa, Almada Negreiros

e Mário Saa. E, sobretudo, por proximidade de convívio, do grande amigo e companheiro que teve, o cedo falecido Guilherme de Faria, poeta de eleição na sua discreta e nobre vivência íntima.

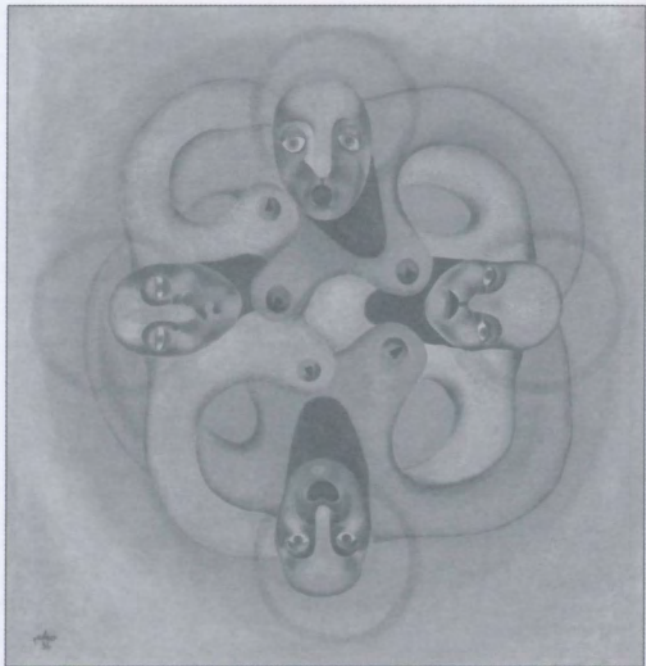
Prefaciando, em carta, *Devagar*, Hipólito Raposo aos seus versos chamou «salmos de voz distante», «pelos encantados trilhos da ausência, até ao limite do amor-saudade». *Crisfal* veio à citação, como os «Cancioneiros» medievais, na «essência pura do nosso lirismo» em que a objectivação é invocada para «avigorar a vibração da sinceridade intimista». E a «instrumentação» das frases e o seu «andamento melódico», a sua «coloração musical», vêm à admiração, como também viera à de Coelho de Carvalho, que, para seu próprio prefácio de *Distância*, se fizera ler pelo comum amigo Guilherme de Faria, «alto, em clara e consciente dicção», os versos que lhe eram apresentados... Eram subjectivos por raiz celta estes versos, com «o ritmo verbal exprimindo o ritmo da emoção» para um tradutor de Virgílio.

A esse discurso subjectivo opõe Garcia Domingues a objectividade de *Máquina de Vidro* em trinta e quatro «canções», em que há dedicatórias a António de Navarro, a Luís de Montalvor e Carlos Queiroz, a Mário Eloy e José Tagarro, a Diogo de Macedo e Francisco Franco, a Coelho de Carvalho e Hipólito Raposo, e à lembrança de Pessanha — num mundo lisboeta de artistas e poetas, e

Ilustrações

- P. 91 — *A Ilha do Cão*, 1940 (col. privada).
- P. 92 — *Sabbat Dança de Roda*, 1936 (Museu do Chiado, fotografia de José Pessoa, Divisão de Documentação Fotográfica, Instituto dos Museus e da Conservação).
- P. 93 — *Avejão Lírico*, 1939 (col. privada).
- P. 94 — *Rapto na Paisagem Povoada*, 1936 (col. privada).
- P. 95 — *Poème dimensionnel* (in *15 Poèmes au Hasard*, 1935).
- P. 96 — *O Chapéu de Palha de Itália*, de Labiche (Teatro Apolo, 1948, Lisboa).









BIBLIOGRAFIA

Obras de António Pedro

- 1926 — *Os Meus Sete Pecados Capitais* (poesia, Lisboa).
1927 — *Ledo Encanto* (poesia, Lisboa).
1928 — *Distância* (poesia, Lisboa).
1929 — *Diário* (poesia, Lisboa).
—, *Devagar* (poesia, Lisboa).
1931 — *Máquina de Vidro* (poesia, Lisboa).
1932 — *A Cidade* (prosa poética, Lisboa).
1935 — *15 Poèmes au Hasard* (poesia, Paris).
—, *Eroticon* (poème-ms.).
1936 — *Primeiro Volume* (poesia, Lisboa).
1938 — *Casa de Campo* (poesia, Lisboa).
—, *Onze Poemas Líricos de Exaltação e o Folhetim* (poesia, Lisboa).
1939 — *Grandeza e Virtudes da Arte Moderna* (polémica, Lisboa).
1942 — *Apenas uma Narrativa* (romance, 2.^a ed., 1978, 3.^a ed., 2007; trad. francesa, 1987; trad. italiana, 1995, Lisboa, Paris e Verona).
1948 — *Introdução a uma História da Arte* (ensaio, Lisboa).
1949 — *Protopoema da Serra d'Arga* (poesia, Lisboa).

- 1950 — *Cadernos dum Amador de Teatro* («O Teatro e a sua verdade», «O Teatro e os seus problemas», «O Teatro e a técnica do actor», «Exercícios de articulação e colocação da voz», «O Teatro e a liberdade do actor», Lisboa e Porto).
- 1953 — *Martírios de Fingimento* (ensaio, Lisboa; separata).
- 1954 — *Antígona* (peça de teatro, Porto).
- 1962 — *Pequeno Tratado de Encenação* (2.^a ed., 1976, Lisboa).
- 1975 — «Sentido e expressão do nu no Renascimento e no Barroco», in *O Nu na Arte Ocidental* (Lisboa).
- 1981 — *Teatro* (peças de teatro, Lisboa).
- 1998 — *Antologia Poética — António Pedro* (Coimbra).

Exposições de António Pedro

- 1925 — *Desenhos e Caricaturas* (Viana do Castelo).
- 1935 — *In Salon des Surindépendants* (Paris).
- 1936 — *Vinte Poemas Dimensionais* (Galeria UP, Lisboa).
- 1939 — *In IV Exposição de Arte Moderna* (SNI, Lisboa).
- 1940 — Com António Dacosta e Pamela Boden (Lisboa).
- 1941 — *António Pedro* (Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro, pref. de Jorge de Lima).
- , *António Pedro* (Museu de Arte Contemporânea, São Paulo, pref. de G. Ungaretti).
- 1944 — *In VIII Exposição de Arte Moderna* (SNI, Lisboa).
- 1945 — *In Surrealist Diversity* (Londres).
- 1946-1948 — *In colectivas de London Galery* (Londres).
- 1947 — *In II Exposição Geral de Artes Plásticas* (Lisboa).
- 1949 — *In Exposição do Grupo Surrealista de Lisboa* (Lisboa).
- 1953 — *António Pedro* (Galeria de Marçó, Lisboa, pref. de Fernando de Azevedo).

- 1953-1958 — Diversas exposições de cerâmica em Portugal e em Cannes.
- 1970 — *António Pedro* (Galeria Buchholz, Lisboa, org. de R. M. Gonçalves).
- 1979 — *António Pedro — Exposição Retrospectiva* (Fundação Cal. Gulbenkian, Lisboa; Centro de Arte Contemporânea, Porto; Câmara Municipal de Caminha. Org. de J.-A. França).
- 1980 — *António Pedro — Desenhos e Manuscritos* (Biblioteca Nacional, Lisboa).
- 1990 — *António Pedro — Desenhos* (Museu do Chiado, Lisboa).
- 2001 — *António Pedro* (Museu Municipal de Tomar).
- 2003 — *In Exposição do Surrealismo* (Museu do Chiado; org. de María Jesús Ávila).

Obras principais sobre António Pedro

- 1936 — Garcia Domingues, *A Poesia de António Pedro* (Lisboa).
- , Dutra Faria, *De Marinetti aos Dimensionistas* (Lisboa).
- 1966 — In *O Estado de São Paulo* (textos de A. Casais Monteiro, Fernando Lemos e J.-A. França).
- 1967 — In *O Comércio do Porto* (textos de F. Lemos, F. de Azevedo, Eduardo Lourenço, Rogério Paulo e J.-A. França).
- 1973 — Maria Helena Le Breton, «Deux Sculptures inconnues d'António Pedro», in *Colóquio/Artes* (n.º 15, Lisboa).
- 1979 — In *Colóquio/Artes* (textos de António Pedro, um *Cadavre exquis*, por F. de Azevedo, F. Lemos e J.-A. França).
- , Catálogo da exposição na FCG (textos de G. Ungaretti, J.-A. França, Fernando Pernes, Eduardo Lourenço, Carlos Wallenstein, Fernando de Azevedo, António Dacosta, Nicolas Calas, Paulo Mendes de Almeida, Patrick Waldberg, A. Casais Monteiro, Jorge de Sena, Fernando Lemos e António Pedro).

- 1981 — Prefácio de Luiz Francisco Rebello a *Teatro* (Lisboa).
 1999 — Prefácio de Fernando Matos Oliveira, in António Pedro, *Antologia Poética* (Coimbra).

Obras do autor sobre António Pedro

- 1947 — «Encruzilhada surrealista», in *Horizonte* (n.ºs 11-12, Junho).
 1949 — In *Balanço das Actividades Surrealistas em Portugal* (Cad. Surrealistas, Lisboa).
 1951 — «O avejão lírico na pintura de António Pedro», in *Da Poesia Plástica* (Cadernos de Poesia, Lisboa).
 1956 — «Mil Novecentos e Cinquenta», in *Tetracórnio* (Lisboa).
 1966 — In *A Pintura Surrealista em Portugal* (Artis, Lisboa).
 1970 — *António Pedro* (Artis, Lisboa).
 1973 — In *Dicionário da Pintura Portuguesa* (Lisboa).
 —, «Estudo de uma pintura de António Pedro», in *Colóquio/Artes* (n.º 15, Lisboa).
 1974 — In *A Arte em Portugal no Século XX* (Lisboa).
 1978 — Prefácio a *Apenas uma Narrativa* (2.ª ed., Lisboa; 2007, 3.ª ed., V. N. Famalicão).
 1984 e 1993 — In *Quinhentos Folhetins* (Lisboa).
 1987 — Préface a *À peine un récit* (Paris).
 1992 — «1942 — 'Variante'», in *Colóquio/Artes* (n.º 95, Lisboa).
 2000 — In *Memórias para o Ano 2000* (Lisboa).
 2001 — In *100 Quadros Portugueses no Século XX* (Lisboa).
 2004 — In *História da Arte em Portugal — O Modernismo* (Lisboa).
 2007 — *O Essencial sobre António Pedro*.

ÍNDICE

1 — Poeta	3
2 — Pintor	23
3 — Escritor	49
4 — Encenador	69
5 — Soma e segue	83
Ilustrações	90
Bibliografia	97